

## O ANTIGO ISRAEL: ESPAÇO, FONTES E HISTORIOGRAFIA<sup>1</sup>

*Ancient Israel: geographic space, research source and historiography*

Haroldo Reimer<sup>2</sup>

### Resumo

O presente artigo apresenta alguns resultados da pesquisa intitulada “Monoteísmo, Tradição e Poder”, desenvolvida na Universidade Estadual de Goiás, entre 2011 e 2012. Considerando as especificidades da cultura israelita, em especial sua tradição religiosa, procuramos refletir sobre a espacialidade do antigo Israel, as possibilidades de fontes de pesquisa e as perspectivas historiográficas advindas delas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Israel. Monoteísmo. Historiografia

### Abstract

This paper presents some results of the historical research entitled “Monotheism, Tradition and Power”. The research was developed between 2011 and 2013 in Goiás State University. Considering the Israel culture specificities, particularly its religious tradition, we seek to reflect about geographic space of ancient Israel, the research sources possibilities and the historiographical perspectives coming from them.

**Key- Words:** Israel. Monotheism. Historiography

## INTRODUÇÃO

O antigo Israel é uma formação social que emergiu gradativamente no espaço do antigo Oriente Próximo, mais especificamente na região chamada de Canaã ou Palestina, a partir do final do segundo milênio a.C. Esta formação alcançou um ponto de cristalização para a construção de sua identidade nos séculos V/IV a.C., por meio da produção e sistematização de um conjunto de textos que ainda hoje povoam o imaginário de milhões de pessoas. Este conjunto de texto sobreviveu ao tempo na forma de textos sagrados, estando abrigados na forma de rolo ou livro sagrado, mais conhecido como Bíblia.

Toda história existe sob as condições geográficas ou ambientais determinadas e toda sociedade existe sob determinadas condições históricas, havendo para tal a interação entre grupamentos sociais, com suas idiosincrasias, interesses e projeções, e o ambiente

---

<sup>1</sup> O presente texto está vinculado ao Projeto Monoteísmo, tradição e poder, realizado durante o ano de 2011 e 2012, junto a Universidade Estadual de Goiás, com fomento de hora-pesquisa, e com participação dos alunos bolsistas de iniciação científica Franscimere Cordeiro de Souza e Wilton de Oliveira Barbosa.

<sup>2</sup> Professor efetivo da Universidade Estadual de Goiás; Doutor em Teologia (1992); Pós-doutor em História pela Unicamp (2013); bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq.

geográfico. A história do antigo Israel deve levar, sempre, em conta o ambiente geográfico, os interesses dos habitantes originários,<sup>3</sup> bem como dos vizinhos do seu entorno cultural.

## **O Espaço Geográfico**

O antigo Israel se desenvolveu historicamente sobre o território conhecido por terra da Canaã, também chamado de Israel ou Palestina. É um espaço demarcado por acidentes geográficos bem definidos. Ao oeste está o Mar Mediterrâneo, constituindo uma porta portuária para o acesso ao território. Ao leste está o deserto da Arábia. Ao sul está o deserto do Negev, que se estende rumo ao deserto do Sinai, possibilitando comunicação terrestre com o Egito. Ao norte, o território cultivável se estreita, por vales e montanhas, dando possibilidade para comunicação terrestre com a Mesopotâmia.

Internamente, o território é marcado por outros acidentes que ajudaram a moldar a história dos povos que por lá passaram ou se estabeleceram. As regiões serranas ao norte, mais ricas em recursos hídricos, favorecem a agricultura. O Monte Basã, inclusive com picos nevados, a partir da primavera, libera águas que abastecem os lagos e rios da região, o que por sua vez possibilita as condições de vida, seja na forma nômade ou sedentária, em outras partes do território. O Lago da Galileia e seu entorno é elemento captador destes recursos hídricos, possibilitando pecuária e agricultura. Sua extensão pelo vale do rio Jordão estende estas condições favoráveis, possibilitando também uso para fins de agropecuária. A planície de Jezreel sempre foi celeiro agrícola em todos os períodos da história deste povo. Na região da Sefelá, que estende entre o Mediterrâneo e as montanhas da região central de Jerusalém, houve sempre condições favoráveis para a produção de alimentos em fartura, tendo sido, por espaço cobiçado e controlado pelos grupos que exerciam o domínio sobre a região. Fontes de água em regiões semidesérticas como a região de Jericó, junto ao Mar Morto, possibilitaram a emergência de cidades tipicamente fluviais.

O território se localiza entre duas importantes civilizações fluviais da Antiguidade: o antigo Egito e a Mesopotâmia. Os interesses de ambos os grupos de poder marcaram a maior parte da história dos antigos hebreus, sendo o território na maioria das vezes uma “terra de passagem” ou “uma terra no meio”. Rotas comerciais perpassavam o território, ligando estas duas civilizações vizinhas, tanto para o comércio quanto para a guerra. No litoral passava o Caminho dos Filisteus ou a rota do mar. Outra rota passava pelas montanhas, incluindo na

---

<sup>3</sup> Aqui se deve levar em conta a provocação de Whitlam (1996), quando afirma que a reconstrução ou a invenção da história do antigo Israel não pode silenciar a presença e a história dos povos originários, especialmente aqueles que, de forma geral, podem ser considerados “palestinos”.

ligação cidades como Jerusalém. Outra rota comercial passava pelo Vale do Jordão, estendendo-se para o leste. Rotas comerciais eram um meio para o intercâmbio de mercadorias, pessoas, conhecimentos e guerras (SCHWANTES, 2008, p. 9-10). Por causa desta localização intermediária entre as duas maiores potências fluviais da Antiguidade, o território do antigo Israel é também conhecido como Crescente Fértil (ECHEGARAY, 1995).

Os vales e as encostas com abundância de chuva ou água eram espaços propícios para o assentamento de grupos sociais. As condições podiam ser incrementadas por meio da aplicação de tecnologias como a construção de cisternas para o armazenamento de águas de chuva ou também de construção de terraços, que possibilitavam a retenção da umidade no solo e simultaneamente o melhor aproveitamento das pequenas áreas disponíveis para o cultivo (BOROWSKI, 1987). A ocupação das planícies e suas encostas remonta de longa data, adentrando o terceiro milênio a.C. A ocupação das regiões montanhosas, muito provavelmente, remonta ao final do segundo milênio, no início da idade do ferro, coincidindo com o domínio de tecnologias como a cal para a vedação de cisternas e o uso do ferro para o desmatamento (GOTTWALD). Estes avanços tecnológicos possibilitaram provavelmente os assentamentos nas montanhas, que para vários estudiosos são considerados como favoráveis à emergência do antigo Israel, em termos históricos (SCHWANTES, 2008; KESSLER, 2009a; DONNER, 2004).

O antigo Israel é resultado da confluência de diversos e distintos grupos sociais, que no curso da história passaram a se constituir como povo sobre este território e em relação dialógica com o mesmo.

### **As Fontes e a Historiografia**

Toda reconstrução da história de determinado povo no passado deve prestar contas sobre as fontes utilizadas para esta reconstrução. Para o caso da história do antigo Israel ou do “povo bíblico” há hoje uma gama de fontes disponíveis, que devem ou podem ser aproveitadas, respeitando-se determinadas premissas metodológicas. Essa pluralidade é constituída pelas heranças materiais, incluindo material epigráfico extrabíblico, acessíveis pela arqueologia e datados por procedimentos próprios desta disciplina, pelos textos bíblicos, bem como por estudos etnológicos, que podem ser utilizados por analogia. Trata-se aqui de três tipos de fontes: as primárias, as secundárias e as terciárias. Trataremos brevemente de cada uma delas a seguir.

## Heranças Materiais

As heranças materiais devem e podem ser consideradas como fontes primárias para a reconstrução da história do antigo Israel. Para esta classificação leva-se em consideração o argumento da datação, segundo o qual tais fontes são aquelas que “podem ser datadas de forma relativamente segura segundo critérios arqueológicos (critério da datação) e que surgiram durante ou logo após os eventos narrados (critério da proximidade temporal)” (KESSLER, 2009, p. 29). Os procedimentos metodológicos próprios da arqueologia são o auxílio necessário para a datação das heranças materiais, devendo, contudo, haver o processo analítico e interpretativo dos artefatos trazidos à luz pela sistemática da escavação ou por obras do acaso. “A arqueologia traz à luz heranças daquelas sociedades que as produziram e com isso abre uma janela para o passado” (KESSLER, 2009, p. 30).<sup>4</sup>

O apreço pela cultura material do antigo Israel vem de longa data e está vinculado com o imaginário religioso produzido a partir dos traços fundamentais desta cultura da Antiguidade. Já as *Antiguidades Judaicas*, de Flavio Josefo, se inscrevem neste intento. Este imaginário foi cultivado, com resultados distintos, pelos herdeiros desta tradição, especial o cristianismo. A virada constantiniana no século IV fomentou este interesse pelo passado, com demarcação e ocupação de espaços considerados vinculantes a esta expressão religiosa. A guarda dos locais considerados por ordens religiosas ao longo dos séculos buscou sedimentar esta tradição, mesmo durante tempos conturbados como o avanço muçulmano na região do Levante a partir do século VII. As cruzadas, além dos interesses de ocupação das áreas portuárias para o incremento do comércio, era recuperar espaços físicos para a manutenção do cultivo da memória. O interesse pelas heranças materiais está inscrita em parte da história da tradição cristã. Durante o período medieval, a interpretação espiritualística ou alegórica dos textos sagrados pode ter suprimido parcialmente esta tendência do apreço às dimensões materiais da cultura religiosa. O humanismo na Renascença, também cultivado entre os protagonistas da Reforma Protestante, provocou um retorno ao sentido literal (*sensus literalis*) dos textos, com desdobramentos em tempos posteriores.

O interesse pela cultura material emergiu de forma mais marcante no século XIX no compasso da emergência da História e da própria Arqueologia como disciplinas acadêmicas. Este século foi um período no qual, por caminhos muito diferenciados, houve a busca pela

---

<sup>4</sup> A dimensão interpretativa dos artefatos arqueológicos é parte integrante do processo de “fazer falar as fontes”, visto que os objetos da cultura material devem ser ‘lidos’ dentro de um conjunto maior de procedimentos, incluindo mapeamentos de superfície mais amplos, no sentido de se procurar a inserção histórico-social dos achados. O simples trabalho de escavação não produz a reconstrução; esta depende do trabalho interpretativo.

construção da linhagem genealógica da Europa com as culturas clássicas da Antiguidade, tanto a Grécia quanto Roma, Egito e Mesopotâmia, mas também do antigo Israel. A decifração dos hieróglifos e da escrita cuneiforme se inscreve nestes esforços, em conjugação com os avanços da prática de escavações arqueológicas no Oriente. Com isso abria-se uma janela importante para o acesso e a reconstrução do passado a construção da afeição eletiva entre Europa e Oriente clássico. “Vista como a “herança espiritual” dos povos europeus, a região serviu, aos nascentes impérios cuja base religiosa era o Cristianismo, como fonte de um passado nobre e glorioso” (RODRIGUES e FUNARI, 2009, p. 95). Durante o século XIX, as escavações realizadas no Oriente perseguiram também os propósitos de demarcação de territórios para as pretendidas ou realizadas expansões europeias, estando muitas vezes relacionadas com ações militares ou sob a supervisão de militares, carregando em seu bojo propósitos imperialistas (SILBERMAN, 1989).

A Teologia, neste caso de matriz protestante, assumiu elementos importantes elementos destas reflexões para a reconfiguração da sua arquitetura disciplinar. Integrou-se de forma geral a disciplina da História, para além da historiografia providencialista medieval, no sentido de buscar os fundamentos históricos para as narrativas bíblicas a fim de justificar sua credibilidade em um ambiente, no caso europeu, cada vez mais confrontado e desafiado pela racionalidade científica. O mesmo vale para a Arqueologia. Essa transformação e maturação eram operadas com conjugação com o chamado Método Histórico-crítico (VOLKMANN, 1992)<sup>5</sup>, que se estabelecia no campo dos estudos da Bíblia como o método compatível com as demandas racionalistas e científicas do período.

Gradativamente, as reconfigurações disciplinares foram produzindo os seus resultados na forma de publicações. Um dos pesquisadores do século XIX a apresentar uma sistematização da história da pesquisa da cultura material do antigo Israel foi Immanuel Benzinger em seu livro *Hebräische Archäologie* [Arqueologia Hebraica], de 1894, com sucessivas reedições. Ele propôs um conceito para a arqueologia hebraica ou bíblica: “uma determinada disciplina histórica especial que tem como sua tarefa a apresentação científica de todas as condições de vida, dos usos e costumes das instituições sociais e religiosas dos hebreus” (*apud* KESSLER, 2009, p. 14). O conceito é amplo para o escopo da arqueologia acadêmica contemporânea, mas tem em vista a reconstrução de uma história total dos antigos hebreus, como viria a ser formulado pela Escola dos *Annales*. Para ele, essa história deveria abarcar a história política, história da literatura e história da religião. Quatro grandezas

---

<sup>5</sup> Sobre isso ver abaixo.

deveriam receber o foco do pesquisador: terra e gente, antiguidades pessoais, antiguidades públicas e antiguidades sacrais.

No mesmo período, o pesquisador alemão Rudolf Kittel buscou corresponder em sua obra às novas exigências acadêmicas, apresentando a sua obra *Geschichte der Hebräer* [História dos Hebreus], de 1888-1892, com integração da história da cultura deste povo da Antiguidade. O desdobramento desta ênfase na história material do povo se deu na obra de Alfred Bertholet *Kulturgeschichte Israels* [História Cultural de Israel], de 1919, com traduções para vários idiomas, incluindo o inglês sob o título *Israel – Its Life and Culture* [Israel – Sua Vida e Cultura]. Sintonizado com as demandas teóricas da história das mentalidades, a obra apresentava perspectivas históricas sobre a construção de conceitos culturais, tais como o conceito de alma na perspectiva dos hebreus. Outra grande contribuição clássica para uma história material dos antigos hebreus foi a obra do dominicano francês Roland de Vaux *Les Institutions de l'Ancient Testament* [As Instituições do Antigo Testamento], de 1958. Esta obra, que teve grande recepção, já se inscreve num novo momento da busca da cultura material dos antigos hebreus, pois se conjuga com os esforços nacionais do novo Estado de Israel para a reconstrução do seu passado no lugar onde se pretendia a construção do seu presente e futuro. De Vaux foi um dos organizadores da *École Biblique*, de Jerusalém, um dos centros destacados da arqueologia bíblica, ao lado de outros como o *Rockefeller Museum*, também em Jerusalém, tendo participado em importantes escavações ao lado de renomados arqueólogos como Kathleen Kenyon, Benjamin Mazar e outros.

No decorrer do século XX verificou-se a conjugação de esforços entre pesquisadores de várias nacionalidades envolvidos em projetos de escavações arqueológicas na Terra Santa. Os mencionados Roland de Vaux, a inglesa Kathleen Kenyon e o americano William Foxwell Albright se inscrevem nestes esforços, atuando em diálogo e parceria com arqueólogos judeus, tais como Benjamin Mazar. Albright, como expoente da escola americana de arqueologia e fundador da *American School of Oriental Research*, em Jerusalém (FEINMAN, 2004), publicou em 1939 a sua obra *The Israelite Conquest of Canaan in the Light of Archaeology*, texto no qual buscava confrontar as evidências arqueológicas com as narrativas bíblicas, propondo perspectivas distintas para a historiografia dos inícios dos hebreus no território de Canaã (ALBRIGHT, 1940).<sup>6</sup> Sua obra mais abrangente foi publicada em 1940 sob o título *From the Stone Age to Christianity: Monotheism and the historical process* [Da Era da Pedra ao Cristianismo: Monoteísmo e o processo histórico], na qual buscava inserir a

---

<sup>6</sup> A *American School* mantém um periódico científico com apresentação regular dos resultados das pesquisas arqueológicas vinculadas ao instituto: BASOR [Bulletin of the American School of Oriental Research].

história dos antigos hebreus no contexto das evidências da cultura material gradativamente evidenciada pelas diversas expedições arqueológicas na Terra Santa.

Vale menção também a atuação e a obra dos alemães Albrecht Alt e Martin Noth, que conjugaram os estudos filológicos e exegéticos com os resultados arqueológicos de expedições nas quais eles mesmos estavam envolvidos, no contexto da atuação do *Deutsch-Palestina Verein* [Sociedade Teuto-Palestinense], a qual mantinha um periódico científico institucional, no qual eram publicados os resultados dos trabalhos acadêmicos de campo, confrontados com as perspectivas exegéticas.<sup>7</sup> A obra *Geschichte Israels* [História de Israel], de Noth, publicada originalmente em 1950, foi marcante para a historiografia bíblica. Alt, por seu turno, não escreveu uma obra mais abrangente, mas seus textos foram reunidos numa obra em três volumes sob o título *Kleine Schriften zur Geschichte des Volkes Israels* [Escritos Menores sobre a História do Povo de Israel], publicados entre 1953 e 1959, conjugando a complexidade dos estudos filológicos da Bíblia Hebraica com os resultados arqueológicos e perspectivas etnológicas correntes do período.

Durante o século XX foram realizadas muitas expedições arqueológicas na Palestina, Na primeira metade do século, predominavam as expedições estrangeiras. As escavações mais abrangentes foram realizadas em Jerusalém ou em seus arredores (OTTO, 1980). Na primeira metade do século XX foram conduzidas escavações sobre a liderança de eminentes pesquisadores como Robert Weill, na expedição francesa de Rotschild, nos anos de 1913/14 e 1923/24. O professor irlandês Robert Macalister, assistido por John G. Duncan realizaram escavações na década de 1920, fazendo importantes descobertas referentes à fonte Gihon, na área da antiga cidade de Davi, na colina sudoeste. J. Crowfoot e G. W. Fitzgerald continuaram estas pesquisas, trazendo à luz importantes restos materiais da antiga cidade de Jerusalém, tais como a “rampa jebusita”. Na década de 1960, a inglesa Kathleen Kenyon realizou novas escavações, procurando precisar os dados anteriores. L. A. Mayer e E. L. Sukenik foram outros importantes pesquisadores.

O período posterior à criação do Estado de Israel marcou um diferencial nos processos de escavação arqueológica em Israel. Embora ainda houvesse associação com instituições estrangeiras, as escavações passaram a ser conduzidas por arqueólogos israelenses. No tocante à Jerusalém Nachman Avigad conduziu no final da década de 1970

---

<sup>7</sup> O periódico ZDPV = *Zeitschrift des Deutsch-Palestina Vereins* continua em circulação, embora o instituto não mantenha mais a mesma pujança em termos de expedições arqueológicas, inclusive em consequências das medidas oficiais restritivas por parte do Estado de Israel.

novas escavações. No mesmo período Menahem Broshi, A. Eitan e Benjamin Mazar realizaram suas pesquisas.

Em outras partes do território foram realizadas escavações que trouxeram à luz evidências da cultura material, que em parte confirmavam informações bíblicas e, em parte, possibilitavam novas perspectivas. David Ussishkin (1997), da Universidade de Tel Aviv, conduziu nos anos de 1980 as escavações em Tel Laquish, evidenciando os restos do cerco dos assírios à cidade-fortaleza no ano de 701 a.C. A presença dos assírios no cerco a Jerusalém e, simultaneamente, a Laquis, a então segunda maior cidade do Reino do Sul, Judá, perceptível a partir das heranças materiais, mostrava os impactos do militarismo estrangeiro sobre a história dos hebreus. Vinculado à Universidade Hebraica, Avraham Negev (1979) escavações em vários sítios, tais como Bet-Seã, Sinai, Avdat e outros. Gabriel Barkay escavou uma fortaleza militar no Negev, descobrindo ali um antigo santuário, datado do século VII a.C., no qual se realizavam práticas culturais destoantes da normatização religiosa proveniente do templo central de Jerusalém.

Na atualidade, há uma gama de renomados arqueólogos, dentro os quais se destacam Israel Finkelstein e Amihai Mazar (2007), que conduziram importantes escavações em várias partes do território de Israel, incluindo as cercanias de Megido, e produziram uma obra procurando elaborar uma nova perspectiva da história do antigo Israel.<sup>8</sup> Os resultados de suas pesquisas têm ajudados os historiadores do antigo Israel, bem como os teólogos vinculados com este campo de estudos, a revisar perspectivas tradicionais, com vistas a uma nova reconstrução da história dos antigos hebreus. De destaque é a sua perspectiva de que a produção dos textos fundantes do antigo Israel provavelmente está relacionada com a expansão de Jerusalém como capital do Reino do Sul, sob o domínio do rei Josias, no século VII a.C.

Junto com os restos arquitetônicos trazidos à luz pelas escavações, em centenas de sítios, há outros artefatos da cultura de extrema importância para a historiografia dos antigos hebreus. Há uma série de documentos históricos a serem considerados (SMELIK, 1987). Entre estes destacam as muitas inscrições, tais como o calendário de Gezer, as óstracas de Samaria e de Laquis, a inscrição de Balaão, a inscrição de Yavne Yam e, claro, os escritos do Mar Morto.<sup>9</sup> De grande importância são as moedas, bem como os objetos de cerâmica e

---

<sup>8</sup> Uma excelente visão panorâmica sobre a história dos sítios arqueológicos, bem como de seus resultados, pode ser encontrada em Keel, Küchler e Uehlinger (1984).

<sup>9</sup> Existem várias edições tradicionais da epigrafia extra-bíblica. A mais abrangente é a coleção TUAT (*Texte aus der Umwelt des Alten Testaments* – Textos do Entorno do Antigo Testamento), publicada sob a coordenação de Otto Kaiser (1982-2001). Em inglês a obra de Davies (1991) apresenta também os textos mais importantes.

outros, importantes para a reconstrução da história social dos antigos hebreus. Estas heranças materiais são importantes fontes primárias, justamente por causa de sua proximidade com os eventos, devendo ser considerados em conjunto com os textos bíblicos, como fontes secundárias.

### **Textos Bíblicos como Fontes Secundárias**

A análise crítica sob o ponto de vista metodológico vale fundamentalmente para o uso de textos bíblicos como fontes para a reconstrução da história do antigo Israel. Os textos bíblicos têm primeiramente uma dimensão teológica. São textos que visam à comunicação de determinadas mensagens de ordem religiosa ou mítica, as quais são importantes para a construção identitária de determinado grupo, neste caso do “Israel bíblico” (ZABATIERO, 2006). Por causa desta sua finalidade comunicativa, como textos de testemunhos, os textos bíblicos não necessariamente mantêm o nível de realidade histórica que se presume de fontes históricas, tendendo muitas vezes para o mítico ou ficcional. Ainda assim, os textos bíblicos podem ser utilizados para a reconstrução da história dos antigos hebreus. É inegável hoje que muitos acontecimentos narrados ou mencionados na Bíblia encontram sua comprovação em pesquisas arqueológicas, com achados de monumentos, inscrições, textos. Um exemplo para isso são as escavações no Tell Laquish, um sítio arqueológico referente à antiga cidade militar de Laquis, que foi sitiada pelos assírios em 701 a.C. estando as pesquisas arqueológicas fartamente documentadas (USSISHKIN, 1997).

A partir da Renascença, com os inícios da filologia crítica em figuras como Erasmo, Lutero, Calvino e outros, os textos bíblicos passaram a ser lidos de forma crescente sob um viés crítico quanto à historicidade (factual) dos conteúdos narrados. Além disso, a história do texto ou das famílias de textos passou a ser objeto de estudo, especialmente também do texto do Antigo Testamento ou da Bíblia como um todo.<sup>10</sup> São muitos, e por vezes tortuosos, os caminhos da pesquisa que levaram para o estabelecimento do que a partir do século XIX passou a ser chamado de “método histórico-crítico” (VOLKMANN, 1992). Naquele século houve a emergência da historiografia moderna como um todo, cujo objetivo principal era reconstruir a história “como efetivamente aconteceu”, especialmente na perspectiva de Leopold von Ranke, considerado um dos fundadores da escola historiográfica clássica (VEYNE, 1982). Com vistas aos textos bíblicos, estes deveriam ser submetidos a esta forma

---

<sup>10</sup> Para o caso do Antigo Testamento, uma das melhores introduções continua sendo a obra de Würthwein (1988), “O Texto do Antigo Testamento”, originalmente escrito em 1952.

de juízo ou análise crítica, havendo, obviamente, interesse em demonstrar a dimensão fática de muitas das narrativas bíblicas. Por isso, toda reconstrução que sobrecarrega no uso de textos bíblicos para a reconstrução da história do antigo Israel deve ser lida com suspeição, obrigando o historiador a uma ponderação criteriosa da intencionalidade e da subjetividade do agente da historiografia. Isso deve ser aplicada tanto para a tendência para o máximo quanto para o mínimo. Assim, por exemplo, uma tendência recente na historiografia do antigo Israel, vinculada com pesquisadores como Phillip Davies (1995) Niels Peter Lemche (1994), Thomas Thompson (1992) e Keith Whitelam (1996), que buscam reduzir a possibilidade de textos bíblicos à sua efetiva comprovação extra-bíblica, sendo considerados como representantes da escola minimalista (KESSLER, 2009a).

Conforme os avanços metodológicos no campo da filologia crítica e da exegese histórico-crítica, os textos bíblicos devem ser submetidos à análise crítica quanto à sua forma. Sob este aspecto, alcança-se uma subdivisão de materiais, o que possibilita melhor utilização para os propósitos de uma historiografia do antigo Israel. Os textos bíblicos considerados como “históricos”, isto é, aqueles que expressamente querem apresentar a história dos antigos hebreus devem ser lidos sob o enfoque de outros textos historiográficos da Antiguidade, tais como as crônicas de guerra dos faraós ou os mandatários mesopotâmicos. Também nestes se verificam intencionalidades muitas vezes propagandísticas. Outro gênero de textos bíblicos que pode ser aproveitado para a tarefa da escrita da história são os textos legais, tais como os conjuntos de leis como o código da aliança (Êxodo 20,22-23,19) ou o código Deuteronômico (Deuterônimo 12-26) e outros (CRÜSEMANN, 2002; REIMER E RICHTER REIMER, 1999). Nestes, contudo, há que se diferenciar entre norma e realidade. Pelo fato de tais textos carregarem a intenção de normatizar o mundo social das pessoas daquela época, estes textos “contêm informações sobre as estruturas e os processos sociais como nenhum outro grupo de textos” da Bíblia (KESSLER, 2009a, p. 40). Algo similar se pode dizer para os textos proféticos. Os chamados ditos proféticos são geralmente constituídos de duas partes, uma com referência direta a condições da realidade social da respectiva época e outra relativa a projeções de ordem teológica ou escatológica. Especialmente a primeira parte pode ser utilizada como referência a condições sociais determinadas. Textos como orações ou salmos apresentam um gênero diferenciado quanto à historicidade, mas podem ser bem aproveitados para derivação de elementos como representações e imaginário.<sup>11</sup> Também as genealogias

---

<sup>11</sup> Exemplo muito interessante deste tipo de trabalho é a obra de Keel (1984), na qual apresenta as representações do “mundo vétero-oriental” à luz das imagens verbais expressas nos Salmos. Cabe ressaltar que o pesquisador

devem ser submetidas ao crivo da crítica, tendo em vista as projeções de interesses na construção deste tipo de texto, tanto na Bíblia quanto alhures.

Submetidos aos procedimentos analíticos dos procedimentos do método histórico-crítico, textos bíblicos podem ser utilizados como fontes da historiografia do antigo Israel. Neste sentido, a questão da datação dos textos deve ser vista com atenção. Textos bíblicos, assim como textos em geral, supõem dois níveis fundamentais: o mundo do texto ou o tempo narrado, que é sempre um distanciamento em relação ao real histórico, e o mundo dos eventos, da vida, da sociedade do autor ou dos autores, ou tempo da narração (RICOUER, 1994). Considerado o caráter intencional e ficcional de muitos textos bíblicos, o aproveitamento de textos bíblico como fontes pode ser dar especialmente na construção de uma história social, a qual pressupõe a “longa duração” da qual fala Braudel. Mesmo na ficcionalidade, textos podem indicar para condições históricas duradouras ou mesmo na proposta utópica de superação pressupõem a referência a realidades históricas. Além disso, especialmente nos textos bíblicos que têm uma pretensão mais “histórica”, como o Livro dos Reis ou Livro das Crônicas, há situações históricas referidas que não comportam outra explicação do que uma base histórica factual, como se dá com o caso do sítio e da destruição de Laquis, em 701 a.C. pelos assírios, que teve sua narrativa em boa medida confirmada pelos achados arqueológicos. Nomes próprios, eventualmente encontrados em epigrafia extra-bíblica também são indicativos para isso, assim como o registro de certos fatos curiosos em crônicas reais, que muito provavelmente devem se referir a eventos da realidade histórica. Podemos concordar, neste sentido, com Kessler (2009, p. 44):

Mesmo que *fosse possível* escrever uma história (social) de Israel sem referência à Bíblia Hebraica, isso *não seria fundamentável* a partir de um ponto de vista histórico-metodológico. Pois nenhuma historiografia pode prescindir por completo de uma parte de suas fontes. Ela deve analisá-las criticamente. E sobre os resultados das análises pode-se discutir os casos concretos. Mas não há motivo para excluir de forma geral os textos do Antigo Testamento da reconstrução da história social de Israel. Deve-se, obviamente, analisar o caráter teológico, o tipo de respectivos textos e o seu surgimento histórico.

Ao lado das heranças materiais, como fontes primárias, e da análise histórico-crítica dos textos bíblicos (MAINVILLE, 1999), para seu aproveitamento como fontes secundárias, há ainda os estudos etnológicos, que podem fornecer, por analogia, elementos para a reconstrução da vida social dos antigos hebreus.

---

Othmar Keel organizou a maior coleção iconográfica da Antiguidade oriental, junto a Universidade de Freiburg, na Suíça.

## Estudos Etnológicos

A etnologia ou antropologia social pode fornecer importantes elementos para a construção de uma moldura interpretativa para as fontes primárias e secundárias colocadas à disposição do historiador. Trata-se aqui de um olhar mais amplo, abrangendo sociedades do entorno do antigo Israel, mas também sociedades que ao longo do tempo mantiveram traços identitários relativamente tradicionais. Aqui a analogia é um elemento que pode ter função heurística, embora não comprobatória. Assim, por exemplo, estudos sobre formas de matrimônio, estrutura familiar ou constituição de genealogias em outras sociedades podem fornecer elementos analógicos e levantar a pergunta se no antigo Israel se verificava algo similar. Para isso, as heranças materiais disponíveis devem ser lidas em conjunto e confronto com os textos bíblicos.

Para o caso do antigo Israel, registra-se um conjunto de elaborações que podem ser aqui brevemente referidas. Christian Sigrist e Rainer Neu (1989/1997) compilaram um conjunto de textos etnológicos que podem auxiliar o pesquisador bíblico na tarefa da reconstrução histórica. Na aplicação concreta para a história de Israel, a aplicação das analogias etnológicas tem se concentrado nos primórdios da história deste povo. Assim, Christian Sigrist (1967), por exemplo, expôs um extenso trabalho sob o título de *Regulirte Anarchie* [Anarquia Regulada], no qual buscou estabelecer paralelos com sociedades, nas quais havia a ausência de formas políticas centralizadas, chamadas por ele de ‘sociedades segmentárias’. Estes estudos foram aproveitados por Frank Crüsemann (1978), na sua obra *Der Widerstand gegen das Königtum* [A Resistência contra a Monarquia] para a reconstrução dos primórdios da história do antigo Israel, buscando assim explicar as formas de contestação e de resistência à instalação da monarquia como instituição política, nos séculos XI e X a.C. De forma similar procedeu a pesquisadora alemã Christa Schäfer-Lichtenberger (1983), que buscou construir analogias a partir de sociedade fortemente estruturadas em códigos de honra para assim entender elementos fundamentais da vida social dos antigos hebreus, especialmente também em suas organização cidadinas. Esta obra buscou efetuar uma releitura crítica das contribuições de Max Weber (1921) sobre a sociedade e a estrutura social dos antigos hebreus.

Todos estes aportes têm sido utilizados pelos historiadores ou estudiosos do antigo Israel para uma nova historiografia. Nesta historiografia há discussões sobre o grau de credibilidade que deve ser atribuído aos textos bíblicos. Debatem entre si, nos eventos científicos e nas produções literárias, os defensores de uma perspectiva maximalista e outra

minimalista. Em todo caso, as novas produções têm se esmerado em elaborar uma visão de conjunto, levando em consideração os resultados dos diferentes âmbitos de pesquisa e estudo. De grande envergadura é o projeto europeu da *Biblische Enzyklopädie* [Enciclopédia Bíblica], organizada em 10 volumes, sendo cada volume atribuído um renomado pesquisador.<sup>12</sup> A historiografia proposta por Israel Finkelstein e Amihai Mazar (2007) ou de Finkelstein e Neil Asher Silberman (2003), este último disponível em português, são importantes produções recentes. De acesso facilitado aos leitores do vernáculo é a obra *História Social do Antigo Israel*, de Rainer Kessler (2009a).<sup>13</sup>

### Referências Bibliográficas

ALBRIGHT, William Foxwell. The Israelite Conquest of Canaan in the Light of Arcaheology. **BASOR**, v. 74, p. 11-23, 1939.

---. **From the Stone Age to Christianity: Monotheism and the historical process**. Baltimore : The Johns Hopkins Press, 1940.

ALT, Albrecht. **Kleine Schriften zur Geschichte des Volkes Israels**. Munique: Beck, 1953-1959.

BENZINGER, Immanuel. **Hebräische Archäologie**. Freiburg i. Br.; Leipzig: Mohr, 1894.

BERTHOLET, Alfred. **Kulturgeschichte Israels**. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1919.

BOROWSKI, Oded. **Agriculture in Iron Age Israel**. Winona Lake, Indiana: Eisenbrauns, 1987.

CRÜSEMANN, Frank. **A Torá**. Teologia e história social da lei do Antigo Testamento. Tradução de Haroldo Reimer. Petrópolis: Vozes, 2002.

---. **Der Widerstand gegen das Königtum**. Neukirchen-Vluyn: Neukirchener Verlag, 1978.

DAVIES, G. I. **Ancient Hebrew Inscriptions**. Corpus and Concordance. Cambridge: University Press, 1991.

---

<sup>12</sup> Em alemão, o projeto é publicado pela Editora Kohlhammer, de Stuttgart, Berlim e Nova Iorque, recebendo as respectivas traduções ao inglês.

<sup>13</sup> Em alemão destacam-se também os seus vários artigos, organizados numa coletânea sob o título de “Estudos sobre a História Social de Israel” (2009 b).

DAVIES, Phillip R. **In Search of “Ancient Israel”**. Sheffield: Society of Old Testament Studies, 1995.

DONNER, Herbert. **História de Israel e dos povos vizinhos**. 2 v. Tradução de Claudio Molz e Hans Trein. 3. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2004.

ECHEGARAY, Joaquín González. **O crescente fértil e a Bíblia**. Tradução de Jaime Claasen. Petrópolis: Vozes, 1995.

FEINMAN, Peter Douglas. **William Foxwell Albright and the Origins of Biblical Archaeology**. Berrien Springs, Mich.: Andrews University Press, 2004.

FINKELSTEIN, Israel; SILBERMAN, Neil Asher. **A Bíblia não tinha razão**. Tradução de Tuca Magalhães. São Paulo: A Girafa, 2003.

FINKELSTEIN, Israel; MAZAR, Amihai. **The Quest for the Historical Israel**. Debating Archaeology and the History of Early Israel. Atlanta: Society of Biblical Literature. 2007.

GOTTWALD, Norman K. **As Tribos de Iahweh**. Uma sociologia da religião de Israel liberto. 1250-1050 a.C. Tradução Anacleto Alvarez. São Paulo: Paulus, 1986.

---. Revisitando as Tribos de Iahweh. In: REIMER, Haroldo e SILVA, Valmor (Eds.). **Libertação-liberdade**. Novas perspectivas. São Leopoldo: Oikos; Goiânia: Ed. da UCG; Abib, 2008, p. 37-48.

KAISER, Otto (ed.). **Texte aus der Umwelt des Alten Testaments**. Gütersloh: Gütersloher Verlag, 1988-2001.

KEEL, Othmar. **Die Welt der altorientalischen Bildsymbolik und das Alte Testament**. Am Beispiel der Psalmen. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1984.

KEEL, Othmar; KÜCHLER, Max; UEHLINGER, Christoph. **Orte Und Landschaften der Bibel**. Vol. 1 e 2. Zurique: Benziger Verlag; Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1984.

KESSLER, Rainer. **História social do antigo Israel**. Tradução de Haroldo Reimer. São Paulo: Paulinas, 2009 [2009a].

---. **Studien zur Sozialgeschichte Israels**. Stuttgart: Katholisches Bibelwerk, 2009 [2009b].

KITTEL, Rudolf. **Geschichte der Hebräer**. Gotha: Perthes, 1888-1892.

LEMCHE, Niels Peter Lemche. **Die Vorgeschichte Israels**. Von den Anfängen bis zum Ausgang des 13. Jahrhunderts v. Chr. Stuttgart: Berlin; Köln: Kohlhammer, 1996.

---. **The Old Testament between Theology and History**. A Survey. Louisville: Westminster John Knox Press, 2008.

MAINVILLE, Odette. **A Bíblia à luz da história**. Guia de exegese histórico-crítica. São Paulo: Paulinas, 1999.

NOTH, Martin. **Geschichte Israels**. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1950.

OTTO, Eckart. **Jerusalem – die Geschichte der heiligen Stadt**. Stuttgart et al.: W. Kohlhammer, 1980.

REIMER, Haroldo; RICHTER REIMER, Ivoni. **Tempos de graça**. O jubileu e as tradições jubilares na Bíblia. São Leopoldo: Cebi; Sinodal; São Paulo: Paulus, 1999.

RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa**. Vol. I. Trad. Constança M. César. Campinas: Papirus, 1994.

RODRIGUES, Gabriella Barbosa; FUNARI, Pedro Paulo A. Considerações sobre a trajetória inicial da arqueologia bíblica. **Mosaico**. Goiânia, v. 2, n. 2, p. 95-101, jul./dez. 2009.

SCHÄFER-LICHTENBERGER, Christa. **Stadt und Eidgenossenschaft im Alten Testament**. Eine Auseinandersetzung mit Max Webers Studie 'Das Antike Judentum'. Berlin: Nova Iorque: De Gruyter, 1983.

SCHWANTES, Milton. **Breve história de Israel**. São Leopoldo: Oikos, 2008 [2008 a].

---. **História de Israel**. Vol. 1: local e origens. 3 ed. São Leopoldo: Oikos, 2008 [2008b].

SIGRIST, Christian. **Regulierte Anarchie**. Untersuchungen zum Fehlen und zur Entstehung politischer Herrschaft in segmentären Gesellschaften Afrikas. Olten; Freiburg i. Br.: Walter, 1967.

SIGRIST, Christian; NEU, Rainer. **Ethnologische Texte zum Alten Testament**. 2 v. Neukirchen-Vluyn: Neukirchener Verlag, 1898/1997.

SILBERMAN, Neil Asher. **Between Past and Present: Archaeology, Ideology and Nationalism in the Modern Middle East.** Nova Iorque: Anchor Books, 1989.

SMELIK, Klaas. **Historische Dokumente aus dem alten Israel.** Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1987.

THOMPSON, P. **Early History of the Israelite People.** From the written and archaeological sources. Leiden: Brill, 1992.

USSISHKIN, David. **The Renewed Archaeological Excavations at Lachish (1973-1994)** Volumes I – V. Tel Aviv: Shelby White-Leon Lewy Archaeological Publication Program, 1997.

VAUX, Roland de. **As Instituições sociais do Antigo Testamento.** São Paulo: Nova Vida, 1997.

VEYNE, Paul. **Como se escreve a História.** Foucault revoluciona a história. Brasília: Editora da UnB, 1982.

VOLKMANN, Martin et. al. **Método histórico-crítico.** São Paulo: CEDI, 1992.

WEBER, Max. **Gesammelte Aufsätze zur Religionssoziologie.** Vol. 3, Das antike Judentum. Tübingen: Mohr, 1921.

WHITELAM, K. W. **The Invention of Ancient Israel.** The silencing of Palestinian History. Londres: Routledge, 1996.

WÜRTHWEIN, Ernst. **Der Text des Alten Testaments.** Eine Einführung in die Biblia Hebraica. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1988.

ZABATIERO, Julio P. T. Representações da identidade e etnicidade do antigo Israel. **Caminhos.** Goiânia, v. 4, n. 1, p. 253-276, 2006.